

## **FOTO SENSÍVEL: mundos possíveis, além das lembranças da Armação**

**Cristiane Guimarães<sup>1</sup>**  
Universidade Federal de Santa Catarina

### **Resumo**

O texto sintetiza uma experiência narrativa envolvendo a linguagem audiovisual, tendo como disparador um documentário produzido no bairro da Armação do Pântano do Sul, na Ilha de Santa Catarina, que versa sobre narrativas de memórias de personagens do bairro. Situa brevemente a experiência no âmbito de políticas públicas específicas e que se desenharam historicamente nos últimos anos. Busca, também, detalhar os desdobramentos de um projeto de letramentos realizado no cotidiano escolar aqui alargado ao entorno da escola, ao mundo da vida, permitindo articular e produzir sentidos outros, constituindo-se como prática pedagógica rica em interações sociais, troca de experiências e registros em diferentes linguagens. Levanta, portanto, indagações sobre os modos que tais experiências narrativas desafiam as práticas didáticas, atravessando os cotidianos escolares e currículos, redesenhando seus muros visíveis e invisíveis. A experiência narrativa evidencia a importância fundamental das linguagens, no caso o audiovisual, para fazer significar e ampliar a concepção de letramentos contemporâneos e o compromisso com uma formação escolar mais humana e cidadã.

**Palavras-chave:** narrativa; memórias; letramentos.

---

<sup>1</sup> Nasceu no Paraná. Licenciada em Letras pela Universidade Estadual de Maringá. Mora na Ilha de Santa Catarina, onde é professora de Língua Portuguesa. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação/UFSC. Mãe de João Omar, Melissa e Flora. Ama o mar, poesia, música, cinema e os filhos. Estuda as poéticas da vida na escola. E-mail: [turmasdacris@gmail.com](mailto:turmasdacris@gmail.com)

**SENSITIVE PHOTO:**  
*possible worlds, besides the memories of the Armação*

**Abstract**

The text is about a story being told, using audiovisual supports. The inspiration was triggered by a documentary film made in Armação do Pântano do Sul, located on the island of Florianópolis, in the State of Santa Catarina, about people living in the local community, sharing their lives, memories and experiences. Accordingly are brought into perspective, briefly, the results and effects of public administration, over the last years. Hence the attempt to have a close look on the project aiming to favour and increase literacy in schools, detailing specifically the consequences on both the attending pupils and their immediate social surroundings: finding new ways to articulate experiences and integrate real life into a scholar context, bringing forth different ways to communicate giving way to each different articulation of the same idioma and thus nourish pedagogic practices through rich social interaction. Further is stated that “telling a story” by using audiovisual supports preserves the dialectic and local identity, defying common ideas about didactic techniques. It helps understanding where hidden barriers of precarious letration might lay and overcome such in a more human and civil approach.

**Keywords:** narrative; memories; literacy.

**FOTO SENSIBLE:*****mundos posibles, mas allá de los recuerdos de Armação*****Resumen**

El texto sintetiza una experiencia narrativa que implica el lenguaje audiovisual, teniendo como desencadenante un documental producido en el barrio de Armação de Pântano do Sul, en la Ilha de Santa Catarina, que versa sobre narrativas de memorias de personajes del barrio. Situa brevemente la experiencia en el ámbito de políticas públicas específicas y que se han dibujado históricamente en los últimos años. En el caso de la escuela, el mundo de la vida, permitiendo articular y producir otros sentidos, constituyéndose como práctica pedagógica rica en interacciones sociales, intercambio de experiencias y registros en diferentes lenguajes. Abre, por lo tanto, indagaciones sobre los modos que tales experiencias narrativas desafían las prácticas didácticas, atravesando los cotidianos escolares y currículos, rediseñando sus muros visibles e invisibles. La experiencia narrativa evidencia la importancia fundamental de los lenguajes, en el caso del audiovisual, para hacer significar y ampliar la concepción de alfabetización contemporánea y el compromiso con una formación escolar más humana y ciudadana.

**Palavras-clave:** narrative; recuerdos; alfabetizacion.

## INTRODUÇÃO

*O mar é azul  
O Sol amarelo  
E aqui no sul  
Tudo é belo*

*Mas, o passado nos condena  
Com as baleias  
Imóveis  
Na areia  
J.R.N.<sup>2</sup>*

O texto sintetiza uma experiência narrativa envolvendo a linguagem audiovisual, tendo como disparador um documentário produzido no bairro da Armação do Pântano do Sul, na Ilha de Santa Catarina, que versa sobre narrativas de memórias de personagens do bairro. Situa brevemente a experiência no âmbito de políticas públicas específicas e que se desenharam historicamente nos últimos anos. Busca, também, detalhar os desdobramentos de um projeto de letramentos realizado no cotidiano escolar aqui alargado ao entorno da escola, ao mundo da vida, permitindo articular e produzir sentidos outros, constituindo-se como prática pedagógica rica em interações sociais, troca de experiências e registros em diferentes linguagens. Levanta, portanto, indagações sobre os modos que tais experiências narrativas desafiam as práticas didáticas, atravessando os cotidianos escolares e currículos, redesenhando seus muros visíveis e invisíveis. A experiência narrativa evidencia a importância fundamental das linguagens, no caso cinema e audiovisual, para fazer significar

---

<sup>2</sup> Os poemas foram produzidos em 2014, durante Oficina de Poemas e propôs que os estudantes reconhecessem os momentos poéticos do documentário e criassem figuras de linguagem em poemas, exercendo a função figurada da língua.

e ampliar a concepção de letramentos contemporâneos e o compromisso com uma formação escolar mais humana e cidadã.

Iniciaremos, portanto, apresentando o objeto cultural que inspirou esta conversa sobre a potência pedagógica do cinema e do audiovisual ao nosso tempo, apresenta brevemente um contexto histórico e político no qual o documentário *Foto Sensível: lembranças da Armação* foi produzido, explora alguns deslocamentos e compreensões contemporâneas acerca da concepção de letramentos e o que entendemos por projeto de letramentos e por fim lança indagações sobre a experiência narrativa nas escolas e as possibilidades e desafios nas práticas pedagógicas.

#### Por narrativas outras: o documentário e seus ensinamentos

*A caça às baleias já começou  
lançam-se arpões em sua direção  
triste é a vida das baleias  
que cantam essa canção  
que um dia vão embora  
voando para longe da Armação.*

P. L. S.

No contexto de produção e lançamento do documentário *Foto Sensível: lembranças da Armação*<sup>3</sup>, políticas culturais para o incentivo do audiovisual produziram diversas iniciativas buscando descentralizar e democratizar os acessos à produção e circulação de narrativas conectadas aos modos de vida e significados compartilhados localmente, sentidos esses relegados em detrimento aos produtores culturais ligados às oligarquias de poder e saber que organizam o acesso aos meios no Brasil. Na época, o programa que se destacou como propulsor de experiências políticas de descentralização foi o *Cultura Viva*,

<sup>3</sup> Atualmente o documentário já está disponível, além do kit Livro DVD, nos endereços: <https://www.youtube.com/watch?v=9lwDglKDQYw> e <https://api.tvescola.org.br/tve/video/fotosensivel>

que era voltado para o reconhecimento e apoio às atividades e processos culturais que estimulavam a participação social, a colaboração e a gestão compartilhada no campo da cultura.

O Programa *Cultura Viva* fez parte de um momento histórico no país. Gilberto Gil, enquanto assumia o Ministério da Cultura nos anos de 2004 enunciou uma definição interessante sobre cultura digital que vale a pena recuperarmos para situar a complexificação que as tecnologias e mídias digitais provocaram nas relações sociais, comportamentais, artísticas e políticas e que afetou singularmente o tecido da cultura, logo, as escolas:

Novas e velhas tradições, signos locais e globais, linguagens de todos os cantos são bem-vindos a este curto-circuito antropológico. [...] Cultura digital é um conceito novo. Parte da ideia de que a revolução das tecnologias digitais é, em essência, cultural. O que está implicado aqui é que o uso de tecnologia digital muda os comportamentos. (GIL, 2004)

Cultura Viva se materializou em diferentes frentes e iniciativas, mas sua ação principal ação foi a consolidação dos Pontos de Cultura, pontos comunitários que articulavam expressões artísticas e culturais em forma de oficinas, cursos, produção de registros em diversas linguagens, cineclubes, descentralizando e desburocratizando os fomentos quase sempre cerceados aos grandes centros urbanos.

Na aula do ex-ministro, temos a relação clara que se buscou manter em alguns anos desde o Ministério da Cultura: o movimento de abrir o conceito de cultura à complexidade e à potencialidade de produção e compartilhamento possível na cultura digital, abrindo frentes de fomento e de valorização das comunidades e dos atores e mediadores culturais espalhados no longo e múltiplo território brasileiro, ou seja, a cultura brasileira viveu um momento de intensa produção e esse movimento intensificado só foi possível pela cultura digital que descentraliza os modos de produção e potencializa a relação intrínseca entre cultura popular e cultura digital, promovendo a invenção de diversos suportes, plataformas, redes colaborativas e que teceram linhas da

cultura, afetaram o modo com qual nos relacionamos com as narrativas audiovisuais especialmente aquelas produzidas localmente, como é o caso do *Foto Sensível: lembranças da Armação*. Assim, muitos coletivos culturais de diferentes regiões do país passaram a se filiar e se declarar como Pontos de Cultura, expressando, em diferentes linguagens e experiências, a diversidade cultural brasileira.

O documentário *Foto Sensível: lembranças da Armação*, lançado em 2013, produzido pelo Instituto Câmara Clara em parceria com o Ponto de Cultura Baleeira, localizado na Armação do Pântano do Sul, e o Instituto I3V é um vídeo que expressa um pouco desse momento histórico e cultural que promoveu, no Brasil, a valorização de diferentes vozes e narrativas, em diferentes regiões geográficas, possibilitando emergir imagens e oralidades poeticamente enredadas na linguagem audiovisual e em muitas outras linguagens artísticas. O documentário que apresentamos é curto, singelo passou a compor meu arquivo de parafernalias pedagógicas desde que foi lançado.

Ele conta delicadamente um pouco da história de nossa “Bela Armação”, como chamou um estudante, bairro situado no Sul da Ilha de Santa Catarina, através de falares dos moradores que, juntos, ao redor de suas fotografias e memórias, relembra, sorriem e reinventam fatos e momentos importantes da constituição do bairro, reinventando, também, suas próprias histórias, tecidas entre ratoeiras e rendas, redes e ruas. Lagoas, mares e baleias. Pés de café e mandioca. Moças namoradeiras e olhares graciosos. Histórias que nos lançam ao imaginário não apenas do bairro, mas de um Brasil jovem encantado pelo futuro.

Entre os acontecimentos, a pesca da baleia e a ressaca que atingiu a praia em 2010 são lembradas com emoção, junto com outras transformações vividas pelos moradores, que narram seus modos de viver, seus medos, saberes e não-saberes diante de tantas mudanças que seus olhos vivenciaram.

No documentário, natureza e cultura se fundem, junto com a dança das fotografias do agora e de outrora, ondas se esvaiem na areia, metáforas do tempo que compõem cenas poéticas e que também nos fazem emocionados e

mudos, diante da beleza do que existe e seus paradoxos, diante da simplicidade e da magnitude da natureza e seus ensinamentos.

Mas o que há de tão poético no documentário? O que ele nos ensina? Por que ele esteve na escola, por tantos anos, alimentando e inspirando aulas, conversas, ressignificações?

*Foto Sensível* fala de tempo, de memória, de histórias e faz isso brincando com as imagens e sons, como é dever da linguagem audiovisual fazer, para tocar além das palavras, para sugerir o que ainda não foi dito, para encantar dizendo pouco em contraponto ao excesso no qual vivemos: ruídos, verdades, certezas, críticas, opiniões, repetições, modelos.

No início, cenas, fotografias em preto e branco anunciam que não falamos desse tempo, falamos de outro ou outros tempos, mas que de repente se reorganizam nas pequenas narrativas contadas pelos moradores.

Ao abrirem seus pacotinhos de fotografia, um amontoado, rio caudaloso da memória desliza, dispara, multiplica: momentos... “tem coisa aí que não acaba mais”. E não acaba mesmo, Sr<sup>a</sup>. Vava. Lembranças tem dessas coisas de não acabar. De continuar, de nos fazer únicos e tão iguais. As lembranças nos dão outras vidas.

Na tentativa de conceituar memória, as personagens em voz, apenas em voz, tentam, divagam, acertam...outras cenas, cenas sem gentes e sem donos aparecem. São vozes conversando com a paisagem. Trata-se, então de memórias de vidas, textos e linhas soltas, mas trata-se sobretudo de memórias de um lugar. São memórias de um *tempoespaço*<sup>4</sup> único, mas também plural. Único, porque certo movimento nos lança a um lugar, plural, porque o lugar somos nós que habitamos e o recriamos, como tantos escritores já nos ensinaram sobre a relação entre texto e leitor, como Roland Barthes (2004). Depois, junto com as vozes, as ruas passam a ter cores, ruas da Armação do

---

<sup>4</sup> O conceito de *tempoespaço* foi trazido dos escritos de Nilda Alves e propõe que tempo e espaço são inseparáveis, se compõem mutuamente e o modo de assim enuncia-los é uma opção que tenta diminuir as dicotomias que formaram o pensamento e a ciência moderna. Tal pensamento, que podemos ler na obra de Michel de Certeau, reverbera nesse relato que busca contar um pouco desses *tempoespaços* compostos num feixe de sentidos e fazeres compartilhados na escola e além dela.



Pântano do Sul, na Ilha de Santa Catarina e da maneira que nos olham no documentário, poderia ser qualquer outra rua, de qualquer outro lugar ou cidade. É a cidade nos olhando, nos tecendo linhas, contornos, muros, esquinas, caminhos, experiências.

Junto com as vozes, imagens, quase estáticas, celebram, enquadram nuances do bairro: Lagoa do Peri, passarela para Ilha das Campanhas, ponte sobre o Rio Sangradouro, Praia do Matadeiro, grafites, folhas, água, sombra, luzes, rastros de um tempo. Nas cenas iniciais, a narrativa do documentário vai se fazendo e construindo a grande metáfora imagética: a passagem do tempo, a passagem do mundo e mundos de lembranças. Palavras e areias se fundem. Gente e mar.

Assim como no *Caderno de um Ausente*, o narrador tenta adiantar à filha as trapaças, impossibilidade, truculência e ensinamentos do tempo, em *Foto Sensível* o tempo também se repete, reaparece, insiste e nos fala que é preciso ter tempo, “para memória é preciso ter tempo...”divaga o sábio Sr. Pedro. Tempo para olhar a cidade, olhar o mundo, olhar e escutar suas histórias. Olhar, ser olhado. Sentir o cheiro das memórias e do mundo. Olhar as histórias do mundo, que discorrem de narradores em muitos pontos, que se encontram, se encaixam, se afastam. As narrativas dos personagens da Armação são as narrativas de tantos outros cantos de nosso Brasil jovem que peneirava café, que sonhava com o desenvolvimento, que cantava as cidades e silenciava a cantoria dos morros, das roças, dos encontros de reza e dos campos verdes de subsistências e trocas. Outros modelos se colocavam, outros modos de organização do cotidiano, da vida, das relações humanas e não humanas, das relações com os espaços e tempos.

O filme nos ajuda a reinventar mundos e vidas. As narradoras são importantes sim, suas histórias, suas brincadeiras, suas árvores, suas rendas, mas o documentário nos desloca para um tempo, como escrito acima, sem dono, sem data, especialmente quando coloca imagens: fotografias do agora em contraponto às fotografias tão encharcadas de afetos, aquelas aparecem quase estáticas, mas se repararmos bem o movimento miúdo está lá, fazendo o

tempo correr. No quase cabe o mundo inteiro, já dizia tantos poetas. No quase folhas balançam, sombras dançam, a Lagoa do Peri reluz. Os movimentos são muito sutis. Nem tão sutis assim em outros momentos narrados, como nos lances dados nas baleias, ainda na década de 40, depois de dinamitadas desde suas entranhas e arrastadas à praia; cenas em preto e branco resgatadas de acervos da cidade; cenas que retornam nos falares emocionados de quem viveu essa época. A cidade e nosso litoral comungam a truculência. Mantém em seus silêncios o sangue das baleias aqui derramado. Vidas e mais vidas e tantos outros silêncios...

Nem tão silenciosa assim a truculência do mar, também lembrado com emoção pelos moradores. O mar que nos dá tanto. O mar que nos levou tanto: “ele veio e devorou as casas”, receia outra moradora.

As ondas do mar, tão cantadas pelos poetas, aparecem, portanto, em muitos momentos do documentário conversando com o movimento do tempo, desenhando-o, na respiração cósmica das marés. O título do documentário se decompõe em contato com as ondas... as ondas vêm e vão... memórias se acumulam, se desmancham e se transformam em contato com o porvir, com a luz, com as luzes que iluminam as fotos e o mundo.

Assim, se podemos ler e aprender algo do documentário é que nos pequenos movimentos que guardamos e vivemos uma vida inteira e assim como lemos em *Caderno de um ausente*, as lembranças nos fazem... Seus tons de cinza, suas fotos antigas e do agora, seus anciãos cheios de vida para contar, só nos confirmam quão grande é o mundo, as histórias e como ele existe em cor e ensinamentos, gentes, lugares, culturas, modos de viver. Temos, então, em *Foto Sensível*, a lição de leitura, de conversa entre o que vemos, o que sentimos, o que sonhamos, entre o passado, o presente e o futuro, tarefa sublimar da escola, do cinema e do cinema na escola

### **Movimentos didáticos entre saberes e fazeres**

*“A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um  
sabiá  
mas não pode medir seus encantos.”*

*Manoel de Barros*

O documentário circulou, no ano de 2014, em 3 turmas de 7º ano. Inicialmente proposto para análise de como as imagens do filme construíam metáforas e personificações, processos fundamentais na construção do discurso figurado, a recepção dos estudantes tomou proporções não planejadas pois muitos dos personagens do bairro entrevistados eram conhecidos dos estudantes quando não parentes ou conhecidos por gostarem de narrar poeticamente seus cotidianos, como é o caso do Seu Pedro, contador de histórias e que caminhava pelo bairro com sua bicicleta brindando amigos e conhecidos com suas memórias.

Enredados com o documentário, naquele ano recebemos a proposta da Olimpíada de Língua Portuguesa que objetiva a escrita de diversos gêneros discursivos em anos específicos. No 7º e 8º anos a proposta é a escrita de Memórias literárias, o que possibilitou relações diretas entre os fatos narrados no documentário e a necessidade de escolher pessoas que pudessem contar suas memórias junto com as transformações e eventos marcantes que constituíram a comunidade.

A proposta do concurso, organizado pelo Itaú Cultural, materializa concepções em vigor no ensino de Língua Portuguesa através de sequência didática que, a partir dos gêneros discursivos propostos por Bakhtin (2007) e aprofundados no estudo Schneuwly e Dolz (2004), é constituída por uma sequência de atividades de leituras, escrita e reescrita. No entanto, com o passar dos anos, as sequências didáticas foram sendo ressignificadas no intuito de enriquecer mais o percurso formativo dos estudantes, especialmente no sentido de leituras, favorecendo que outros textos circulassem antes de iniciar a produção do gênero em questão.

Existe um debate intenso desde a década de 1980 no Brasil acerca do conceito de letramento. No entanto, as relações entre a língua e seus modos de circulação social se complexificou ainda mais após a chegada avassaladora das mídias digitais no cotidiano das pessoas. Se antes a dicotomização entre letramento e alfabetização fazia parte das discussões e formações docentes, nos últimos anos são novas ressignificações que são tomadas no debate, afinal, a cultura digital trouxe aos domínios da palavra outros regimes de significação: são imagens, sons, abrindo a cultura da escrita a outros modos de significar. Nesse âmbito, são muitos autores como Street (2014) e Gee (2000) que colaboraram para ressignificar o conceito, considerando os usos sociais e cotidianos da cultura escrita, propondo diferentes modos de compreender o fenômeno/processo numa sociedade tão multifacetada constituída por tantas formas de expressão, identidades e práticas culturais (Hall, 2004). Kleiman (2007) é uma das autoras brasileiras que acompanham o debate, assim como Soares (2002), debate que foi enriquecido pelos olhares dos educadores e outras áreas de conhecimento, especialmente após a contribuição fundamental de Paulo Freire (1989, 2015) e sua forma de conceber as relações entre a palavra e o mundo. Nesse intenso contexto de complexificação conceitual, as práticas de letramentos nas escolas também se diversificaram para atender uma demanda de circulação de diferentes gêneros que significam socialmente e para atender mesmo os fios dos discursos que chegam à escola através desses artefatos. Se antes era a televisão, rádio, fotografia, cinema que apresentavam uma diversidade de gêneros e combinações da palavra oral e escrita em diferentes modos de usos da língua, com o advento da cultura digital os gêneros se multiplicaram, as conversas entre as culturas e modos de expressão de diferentes grupos também, possibilitando formas de organização didática para contemplar os movimentos da língua e sua intrínseca relação social e cultural, como mostra Rojo (2012) em diferentes modos de organização de sentidos e práticas de leitura e escrita.. Se para Kleiman (2000, p. 238, apud Kleiman 2007) projeto de letramento é “um conjunto de atividades que se origina de um interesse real na vida dos alunos e cuja realização envolve o uso da escrita,

isto é, a leitura de textos que, de fato, circulam na sociedade e a produção de textos que serão realmente lidos, em um trabalho coletivo de alunos e professor, cada um segundo sua capacidade”, para nós, então, o projeto de letramentos é um caminho de aprendizados realizado na cultura escrita agora enriquecido por outras semioses, em diferentes meios e suportes da cultural digital e que fazem a palavra ampliar e complexificar seus modos de significar na práticas sociais no tecido da cultura e, portanto, na escola, o que reverbera tanto no processo de consumo dos objetos culturais que circulam nas aulas como, em especial, nos processos de produção e socialização de novos objetos, novas citações no texto infinito da cultura, como quer Barthes (2004), fazendo dos movimentos didáticos uma montagem e remontagem cultural, como estuda Fantin (2015) e colegas de pesquisa.

Então, o audiovisual aqui trazido, participou de um circuito de significação que atravessou tanto os estudos sobre os poemas e as formas figurativas de expressão, como alimentou a relação intrínseca entre oralidade e escrita, entre a cultura e a escola, entre a palavra e o mundo ou os mundos que fazem a palavra significar. O engajamento dos estudantes à proposta da Olimpíada foi intenso, já que havia condições para que o desejo de escrever florescesse na turma, possibilitando vários movimentos formativos que descrevemos a seguir, desde a circulação do documentário, continuou nas oficinas que fizeram parte das oficinas da Olimpíada de Língua Portuguesa e que se estendeu ao entorno da escola em dois movimentos: na parceria com o Ponto de Cultura do bairro e na rica interação com os personagens do bairro que também foram entrevistados por pequenos grupos de estudantes, o que detalharemos adiante. Tais movimentos nos lançaram a indagações sobre o lugar das narrativas na escola e além, como prática humana fundamental discutida em tantos campos epistemológicos e que ganham novos contornos e necessidades de estudos com o advento da popularização das mídias e dispositivos de produção e compartilhamento digitais.

### **Imagem e imaginação: entre as rendas da Armação**

*As rendeiras tecem  
flores e emoção.  
E tecem junto  
A história da Armação.  
E.F.*

Durante as atividades desenvolvidas no projeto, um dos momentos marcantes e fundamentais de articulação e encontro foi uma oficina realizada com o apoio do Ponto de Cultura Baleeira e Instituto I3V, situado no bairro e que também participou da produção do documentário *Foto Sensível*. Ponto de Cultura que expressava materialmente a política acima descrita: era um ponto articulador e mediador de práticas culturais locais e a comunidade, ofertava, através de seus projetos, oficinas diversas como renda de bilro, capoeira, audiovisual, cineclubismo e outras práticas sociais de interesse popular.

Assim, quando o documentário foi produzido, o que se deu, no projeto de letramentos aqui abordado, não foi apenas o consumo e recepção de um objeto cultural produzido localmente, mas também inspirou a produção de outras narrativas e gestos de leitura e escrita, novas interações que possibilitaram novos aprendizados não apenas escolares, pois conectados com o bairro, com os valores, éticas e estéticas locais, mediados por atores e gestores culturais sensíveis à escola e suas urgências. As vozes de diferentes grupos, movimentos, comunidades, passaram a ser expressas em diferentes linguagens, em diferentes cidades com propósitos diversos, mas sempre convergindo oralidades, visualidades e as identidades dos grupos contemplados com leis específicas de fomento e apoio às culturas constitutivas do Brasil.

Na ocasião, através do Ponto de Cultura Baleeira, os estudantes puderam realizar duas oficinas que foram importantes na condução do projeto de letramentos: uma de captação de áudio e outra de produção de narrativas audiovisuais com base nos textos escritos por eles. Na primeira, os estudantes receberam na escola orientações sobre o uso dos celulares para a produção de entrevistas com personagens do bairro para compor, depois, as memórias

literárias de cada entrevistado. Os estudantes conversaram com o professor de cinema Mário Vitulli Cassetari que realizou exercícios com fotografias, áudio e vídeo usando seus celulares. Os estudantes foram orientados sobre as condições de produção de uma boa entrevista como o silêncio, aproximações e o respeito ao tempo do entrevistado, além de todo agenciamento dos dispositivos técnicos disponíveis para gravação, edições, organizações e transferência de arquivos.

Nos dias da oficina e nos seguintes os estudantes exercitaram as técnicas, realizando entrevistas com funcionários da escola: professores, cozinheiras, auxiliares da biblioteca, muitos com mais idade e que puderam compartilhar seus olhares, suas lembranças e saberes sobre o mundo. Também, uma das turmas participantes do projeto saiu da escola para uma visita ao Ponto de Cultura Baleeira, onde algumas das personagens do documentário, moradoras da comunidade, realizavam oficinas de rendas de Bilro, produzindo um encontro intergeracional muito significativo.

Lá, os estudantes em pares realizaram entrevistas usando seus celulares: a entrevista se estruturava basicamente por questões biográficas mais objetivas, depois por um fato a ser narrado com mais detalhes e também pela escolha, dos entrevistados, de uma metáfora que pudessem comparar suas vidas, enlaçando também no texto em prosa das memórias literárias mais uma imagem em potência que viria a ser explorada depois na tessitura do texto, convergindo também com os estudos realizados da importância das imagens na construção de outros modos de dizer o mundo.

Como era esperado e já em andamento em outras turmas que já estavam em produção de entrevistas e narrativas com familiares e outros personagens do bairro, a atividade gerou muitos desdobramentos com idas e vindas à sala de informática, trocas de arquivos, reescritas para aprimoramento do texto e socializações em voz alta na sala, práticas riquíssimas de compartilhamento que favoreceu não apenas a autoria, mas a reflexão linguística sobre aspectos fundamentais aos textos, como marcas de oralidade, pontuação, concordância, adequação às vozes, aos verbos e pessoas que constituíram cada narrativa escrita e a riqueza semântica aliada ao imaginário explorado pelas histórias

contadas de cada personagem, gerando empatia, escuta, encontros intergeracionais que muito ensinaram a todos os envolvidos.

Foram muitas semanas de atividades que culminaram com a gravação, em áudios e vídeos, das narrativas produzidas pelos estudantes, textos que ultrapassaram a concepção de texto escolar, mas que se constituíram como objetos da cultura, fios da cultura como propõe Barthes (2004)<sup>5</sup>. Do ponto de vista da cultura digital, as narrativas foram caminhando em diversos meios e suportes para chegarem a um produto final, mais ou menos estabilizado. Os muros visíveis e invisíveis que separam a escola da vida, as disciplinas, a memória e aqueles que habitam escola e a comunidade, foram se conectando em favor de uma rede de sentidos, significados e vozes, fazendo funcionar muito mais a língua e sua suprema função social.

Desde o preparo das entrevistas realizadas em sala de aula, depois a gravação nos dispositivos móveis, a transposição do texto às telas na sala de informática e ainda a produção de áudios e vídeos de novo em outras telas, o que foi realizado também em oficina com Ponto de Cultura Baleeira, vemos os processos de mediação e remediação característicos da cultura digital, já que um conteúdo atravessa diferentes meios e suportes até chegar e sua versão compartilhável. No movimento entre as oralidades, literalidades e visualidades comentadas por Martin-Barbero (2014) mediadas pelo Ponto de Cultura na escola, possibilita-nos compreender a experiência narrativa que se deu através das práticas sociais da leitura e escrita, que foi enriquecida e potencializada pela cultura digital, não apenas no ponto de vista da produção de sentidos, como também na escrita, reescrita e especialmente no compartilhamento dos textos em outras linguagens além do texto escrito, valorizadas na Feira Cultural da escola naquele ano e que ainda alimenta aulas de Língua Portuguesa inspirando novos escritos desde então e que indaga, do ponto de vista de nosso tempo e

---

<sup>5</sup> Os arquivos de áudio e vídeo ainda não estão disponíveis publicamente e estão sendo revisitados e reorganizados. Uma das amostras da adaptação feita em áudio do texto *Entre as árvores do Sul da Ilha* pode ser ouvida aqui: com link privado: [https://drive.google.com/drive/folders/1ldpiueooY2nTP\\_cjhL2fVS9jKJ6Fk8f7](https://drive.google.com/drive/folders/1ldpiueooY2nTP_cjhL2fVS9jKJ6Fk8f7)



suas demandas, a gestão<sup>6</sup> de arquivos e registros escolares, quando os textos dos estudantes não são apenas escritos para o professor e sim escritos para o mundo. Girardello, Pereira e Munarin (2013) comentam sobre como os processos advindos da Cultura Viva evidenciam o lugar de mediação e tradução entre diferentes vozes tecidas nos movimentos comunitários e o quanto as mídias contemporâneas que possibilitaram produção e compartilhamento de diferentes saberes. O *Foto Sensível* e a articulação com o Ponto de Cultura e seus efeitos na vida da comunidade é um exemplo de como as políticas de então foram potentes e possibilitaram a compreensão e a reavivamento da relação entre cultura e escola, entre cultura, memória, as narrativas e a vida.

Do ponto de vista da cultura digital, os objetos da cultura foram produzidos por diferentes mídias, em diferentes espaços e tempos, mas altamente conectados pela convergência de meios, pessoas e práticas, movimento necessário em contraponto aos excessos e ruídos que se tecem nos cotidianos escolares, possibilitando outros modos de organização dos seus conhecimentos como estratégia de guerrilha ao nosso tempo e seus excessos.

Outro ponto crítico e que se relaciona com os efeitos da cultura digital na escola é que não há, ainda, em muitas escolas, políticas firmadas sobre a importância de arquivos que constituam a polifonia de experiências e vozes que são realizadas nos cotidianos, possibilidades materiais e imateriais de espaço no qual tais narrativas multimodais possam ser compartilhadas, para além dos livros disponíveis na biblioteca, evidenciando também que a produção de objetos culturais na escola demanda políticas pedagógicas que valorizem as vozes e favoreçam o fortalecimento de éticas e estéticas curriculares comuns.

Tais práticas e possibilidades de articulação entre os textos da cultura e a cultura das oralidades às literalidades e audiovisuais, aponta o fortalecimento o que Gilka Girardello (2014) chama de comunidade narrativa de sala de aula, a sala de aula como ponto de encontros entre histórias contadas, escutadas, narradas, escritas e reescritas pelos estudantes, imaginadas e

---

<sup>6</sup> Parte dos arquivos gerados na ocasião do Projeto não foi arquivado publicamente e a organização desses e outras narrativas geradas na escola em diferentes áreas de conhecimento acerca do cotidiano do entorno é objeto de pesquisa de doutoramento da autora.

reinventadas por cada história que ganhou o mundo, seja pela leitura dos professores, a partilha oral ou escrita dos estudantes ou mesmo em narrativas compostas por diferentes linguagens, como o documentário Foto Sensível.

Experiências compartilhadas e que atestam a possibilidade de contar histórias de outras formas, humanizando o cotidiano da escola, histórias que se conectaram através da palavra, do som, das cores e do movimento, novos modos de narrar e escutar a poética da polifonia escolar, tão bem cantada pelo Seu Pedro, *in memorian*, como é chamado um dos personagens do documentário e por tantos outros Seu Pedro, em tantas comunidades pelo Brasil afora.

### Conversas inconclusas

*Seja como for, tenha fé  
porque até no mar  
nasce flor.  
M. L. S.*

Se para Barthes (1976) a narrativa faz parte de todos os povos e tempos, em Benjamin (2012), mesmo com os anos e eventos que nos apartam de seus escritos, temos uma queixa histórica da perda de nossa capacidade de intercambiar experiências, como escreve o autor, em detrimento ao excesso de informação. Para o pensador, estaríamos cada vez mais pobres de experiência, experiência que são capazes de nos tocar verdadeiramente, como Jorge Larrosa (2002) nos ajuda entender enumerando as possíveis razões para a perda das experiências: o excesso de informação, o excesso de opinião, a falta de tempo e o excesso de trabalho, todas essas queixas evidenciadas violentamente no tecido da educação formal, onde a sociedade, suas dúvidas, incertezas, belezas e silêncios faz coro e produz urgências.

A experiência narrativa aqui contada levantou muitas indagações sobre as compreensões e possibilidades que os usos da língua em suas diferentes formas podem afetar também a relação pedagógica com os diferentes textos e formas de narrar na escola e além dela. O processo aqui narrado se deu com a

possibilidade de narrar em outras formas: o narrar no cinema documentário, o narrar que floresce de uma fotografia, como vimos no *Foto Sensível*, o narrar na conversa entre passado e futuro, o narrar constitutivo das culturas humanas e o narrar sendo enriquecido e alimentado pela interação entre palavras, sons, imagens, fortalecendo as comunidades e os saberes que circulam entre personagens que tanto tem a contar, na Armação do Pântano do Sul e em tantas comunidades brasileiras.

O texto buscou relacionar uma paisagem teórica a um caminho didático-metodológico que se desenhou em uma escola produzindo outras narrativas e outras histórias, favorecendo, assim, a conversa/trama infinita dos fios da cultura que tecem as vidas que se entrelaçam. Ao encenar suas memórias, os personagens recriam suas histórias participando, assim, da reinvenção necessária e natural que desenha os saberes menos legitimados, tensionando, assim, aqueles saberes solidificados pelos movimentos dos poderes que teimam em limitar as expressões, vozes e experiências sociais, não só produzindo o que Silva (2015) chamou de dissenso, formas outras de expressar o mundo, como multiplicando outras histórias, outros arquivos, outras memórias e sonhos.

O movimento entre telas, vozes, corpos, gerações, dispositivos e narrativas nos confirma que as mídias e tecnologias digitais, a partir de concepções mais alargada dos letramentos e mediações podem sim trabalhar por uma escola mais plural. A experiência narrativa sugere como outras formas de expressão e organização de conhecimento interrogam a escola e suas escolhas éticas, estéticas e políticas e a radical necessidade humanizadora que vem junto com nossa necessidade de narrar e de se reinventar em meio a tantas parafernalias e técnicas pedagógicas, inventando, junto, novos sentidos e práticas na escola.

O documentário que dançou, dança e dançará em minhas aulas não apenas estimulou a criação de poemas, a reconhecer momentos poéticos, a ensinar a contemplar o visível, sem rotulá-lo, explicá-lo, compreendê-lo. Sua circulação na escola só nos confirma que cultura é currículo e quando olhamos para os objetos da cultura, produzimos leituras, subjetividades e vidas,

produzimos conhecimentos e compartilhamos saberes, tecemos textos que vão e vem no tecido da cultura, dos cotidianos das gerações que se tocam, apesar de seus abismos, rupturas e silêncios. Borrámos linhas das biografias, de dentro e fora dos bairros, dessa e de outras cidades. Misturamos e conectamos vidas na escola. A Armação não é mais a mesma. Encanto e desencantos. Encontros e desencontros. Ensinaamentos.

Ao final do documentário objeto de nossa análise, Seu Pedro, *in memorian*, como era chamado um dos muitos contadores de histórias da Armação, com sua casa enfeitada, afirma que “Deus está aqui embaixo”. Aqui embaixo também, seu Pedro, estamos nós. Diante da vida e seus mistérios e paradoxos. Diante dos pequenos ensinamentos que só o tempo e sua irmã, a experiência, podem nos ensinar... Que é preciso deixar que o mundo nos habite e nos transforme, nos reinvente, sensíveis, sempre, mais e mais, para suportar a lâmina do tempo e aquilo que não compreendemos e nem temos respostas, especialmente no tecido da educação. Que é preciso olhar de outros modos o que há muito tempo já vemos. Que é preciso olhar e aprender com o mundo, na escola e fora dela, tecendo laços entre as palavras e o mundo, como ensinou Paulo Freire (1989, 2015). *Foto sensível* nos ajuda a ler e a inventar outros mundos habitáveis no agora e a seguir em frente e não seria essa a maior cumplicidade entre *Foto sensível* e o projeto educativo de nossas escolas? E não seria essa a dança entre cultura, currículo e vida tão necessária para aprendermos a ler e escrever outras histórias?

## REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. **Cultura e cotidiano escolar**. In: Revista Brasileira de Educação. Nº 23, 2003. Disponível em: [www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2009-2/.../Cultura\\_e\\_Cotidiano.pdf](http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2009-2/.../Cultura_e_Cotidiano.pdf), acesso em 25 de julho de 2018.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

BARTHES, Roland. *Introdução à Análise Estrutural da Narrativa*. In: **Análise Estrutural da Narrativa**. BARTHES, Roland; TODOROV, T; GREIMAS, A. J.;

BREMOND, C.; ECO, U. GRITTI, J.; MORIN, V.; METZ, C.; GENETTE, G. Ed. Vozes: Rio de Janeiro, 1976, págs. 19-60. Disponível em: <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2015/03/barthes-introduc3a7c3a30-c3a0-anc3a1lise-estrutural-da-narrativa.pdf>. Acesso em 20/03/16.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Os gêneros do discurso. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BENJAMIN, Walter. O Narrador in *Magia e Técnica, Arte e Política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Editora Brasiliense, 2012 Pag. 213-240.

BONDIA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf), acesso em 27 de julho de 2018.

CARRASCOZA, Joao Anzanello, *Caderno do um ausente*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. 15ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHOMA, Daniel, COSTA, Tati. *Foto Sensível: lembranças da Armação*, Florianópolis: Câmara Clara, 2013.

BALESTRIN, Patricia Abel e SOARES, Rosangela. *Etnografia da Tela: uma aposta metodológica*, in: MEYER, Dagmar Estermann Meyr, PARAISO, Marlucy Alves Paraiso. *Metodologias pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

FANTIN, Mônica. *Audiovisual na escola: abordagens e possibilidades*. In: BARBOSA, Maria Carmen Silveira e SANTOS, Maria Angélica. *Escritos de Alfabetização Audiovisual*. Porto Alegre: Libretos, 2014.

FANTIN, Mônica, *Novos Paradigmas da Didática e a Proposta Metodológica dos Episódios de Aprendizagem Situada, EAS*, in: *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 443-464, abril/jun. 2015.

FANTIN, Mônica. GIRARDELLO, Gilka. *Diante do abismo digital: mídia-educação e mediações culturais* in *PERSPECTIVA*, Florianópolis, v. 27, n. 1, 69-96, jan./jun. 2009, disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2009v27n1p69>, acesso em 28 de fevereiro de 2019.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*/ Paulo Freire. - São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GEE, J. P. **The New literacy studies**. In: \_\_\_\_\_. *Situated literacies: reading and writing in context*. London: Routledge, 2000. p. 180-197.

GIL, Gilberto. Discurso proferido em **Aula Magna na USP**. 10 de agosto de 2004. Disponível em [http://www.cultura.gov.br/o-dia-a-dia-da-cultura/-/asset\\_publisher/waaE236Oves2/content/ministro-da-cultura-gilberto-gil-em-aula-magna-na-universidade-de-sao-paulo-usp-/11025](http://www.cultura.gov.br/o-dia-a-dia-da-cultura/-/asset_publisher/waaE236Oves2/content/ministro-da-cultura-gilberto-gil-em-aula-magna-na-universidade-de-sao-paulo-usp-/11025), acesso em 23 de julho de 2018.

GIRARDELLO, Gilka. **Uma clareira no bosque: contar histórias na escola**. Campinas, SP: Editora Papirus, 2014.

GIRARDELLO, Gilka. **Cultura participativa, mídia-educação e pontos de cultura: aproximações conceituais**. *Atos de Pesquisa em Educação - PPGE/ME FURB* ISSN 1809-0354 v. 8, n. 1, p. 239-258, jan./abr., 2013. Disponível em <http://gorila.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/3670/2304>, acesso em 23 de julho de 2018.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, Ângela. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna**. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 1-25, dez, 2007. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/242>, acesso em 28 de fevereiro de 2019.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Comunicação na educação**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SIBILIA, Paula. **Redes ou Paredes**. A escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Mariana J. **A cidade é uma só? Autoficcionalização, interrogação do arquivo e sentido de dissenso**. *Intexto*, n. 33, p. 76-89, maio/ago. 2015. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/download/49520/33962>, acesso em 28 de fevereiro de 2019.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura.** Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002 143 Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935>, acesso em 28 de fevereiro de 2019.

SOUSA SANTOS, Boaventura: **Um discurso sobre as ciências.** São Paulo: Cortez, 2010.

STREET. Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação.** 1. ed. - São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. LOPES. José de Sousa Miguel. **A escola vai ao cinema.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.